

LITERATURA INDÍGENA: A OUTRA MARGEM DE UMA HISTÓRIA

Francisca Carolina Silva¹
Manoela Rita de Alencar Cavalcante²

RESUMO: Diante do processo de colonização do Brasil, os povos indígenas foram silenciados e impossibilitados de contar sua história, em função, principalmente, de dois motivos fundamentais, o primeiro é por terem sido dizimados, ou mesmo emudecidos pelo discurso oficial de uma história, compreendida como superior até bem recentemente; se evidencia a necessidade de conhecimento e exploração da literatura indígena, que se encontra ainda marginalizada pela literatura canônica, vindo a literatura se colocar como importante ferramenta que desvela discursos e perspectivas sobre nossa história e a construção da identidade cultural. O segundo em consequência da cultura indígena se construir culturalmente a partir de uma linguagem ágrafa, tendo conquistado o espaço da língua escrita bastante recentemente. elencamos a obra poética da autora indígena Graça Graúna como objeto de análise de nossa pesquisa. A partir da análise e estudo dos poemas escolhidos pretendemos mapear o discurso indígena da autora, bem como a projeção da mundividência indígena grafado neles. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, elencamos o método do levantamento bibliográfico como principal, amparado nos princípios da literatura comparada, em diálogo com áreas de estudo como antropologia e história.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Estudo. Sociedade.

1. Introdução

Diante do processo de colonização do Brasil, os povos indígenas foram silenciados e impossibilitados de contar sua história, em função, principalmente, de dois motivos fundamentais. O primeiro é por terem sido dizimados, ou mesmo emudecidos pelo discurso oficial de uma história, compreendida como superior até bem recentemente; e o segundo em consequência da cultura indígena se construir culturalmente a partir de uma linguagem ágrafa, tendo conquistado o espaço da língua escrita bastante recentemente. Dessa forma, durante um longo espaço de tempo, o que se

¹ Universidade Regional do Cariri, email: autor1@urca.br

² Universidade Federal do Cariri, email: carolina.silva@urca.br

conheceu a respeito da história do Brasil foi através de uma versão unilateral eurocêntrica, em que “descobriram” e substituíram a cultura dos povos residentes neste território pelas suas próprias percepções sócio-culturais (GRAÚNA, 2012).

Nesse sentido, os colonizadores não apenas silenciaram os povos nativos da América, como também tentaram reduzir a grande diversidade cultural imanente de cada etnia, passando a chamar todos os nativos de “índios”, numa tentativa de unificação cultural, causando a marginalização e esquecimento desta cultura (VIEIRA; MARQUES, 2020). Dessa forma, como consequência dessa conjuntura, percebe-se um processo histórico de marginalização cultural destes povos, que acarreta em sua discriminação, por meio da formação de estereótipos, uma vez que a sociedade não tem o acesso necessário ao conhecimento do contexto originário dos povos brasileiros, e são influenciados pelo enredo europeu de descobrimento e liberdade, caracterizando os indígenas como selvagens, e reduzindo assim sua importância na construção da história brasileira, uma vez que são seus povos nativos.

Diante disto, se evidencia a necessidade de conhecimento e exploração da literatura indígena, que se encontra ainda marginalizada pela literatura canônica, vindo a literatura a se colocar como importante ferramenta que desvela discursos e perspectivas sobre nossa história e a construção da identidade cultural.

Na ausência de fatos, científicos e técnicos, acerca de conhecimentos culturais e sociais, a literatura se apresenta como um canal que viabiliza a exposição de outros contextos, apontando novas perspectivas que não foram evidenciadas. Assim, a literatura busca recriar novas significações. Parrone-Moisés, (1990) destaca que a palavra *criação* supõe o tirar do nada, o tornar existente, aquilo que não existia antes. É uma palavra teológica. Assim como Deus criou o mundo a partir do Verbo, assim o autor literário instauraria um mundo novo, nascido de sua vontade e de sua palavra. Neste sentido, compreende-se que, embora a literatura não narre os fatos de forma objetiva,

ela pode recontá-los de forma a reconstruí-los, e deste modo não se configura apenas como textos fictícios, mas também como ferramenta de comunicação e propagação de acontecimentos históricos, porém, mantendo um limite de distância entre uma suposta pretensão de verdade. Em suma, a literatura não muda a realidade, mas pode desestabilizá-la, refletir sobre ela.

Dessa forma, através de estudos literários é possível fazer uma releitura do passado, corrigindo rotas e enredos já consagrados pelo conhecimento social. Neste sentido, compreende-se então que explorar a literatura indígena implica na ampliação de conhecimento acerca do passado histórico do Brasil através de um olhar perspectivado pelo seu próprio povo.

É neste sentido que surge este estudo, onde evidencia-se a necessidade de aprofundamento nessas literaturas marginalizadas, e que, entretanto, trazem consigo conhecimentos e visões de mundo ímpares, de grande valia para a construção de um veículo de exposição da cultura desses povos silenciados, levando em consideração a importância de se analisar a história do Brasil pelo ponto de vista daqueles que também tiveram grande importância na construção e formação do povo brasileiro.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, elencamos o método do levantamento bibliográfico como principal, amparado nos princípios da literatura comparada, em diálogo com áreas de estudo como antropologia e história.

3. Fundamentos Teóricos

A proposta ora apresentada visa construir possibilidades de leitura e de análise de obras literárias que trazem a representação da mundividência dos povos indígenas brasileiros, com enfoque em textos que narram, sob uma perspectiva metaficcional a história da colonização do Brasil, no sentido de perceber como os povos nativos compreendem esse dado de dominação, e

como isso foi processado e dinamizado em sua história cultural.

Nesse sentido, elencamos a obra poética da autora indígena Graça Graúna, em especial o seu poema “Canção Peregrina” (2009), como objeto de análise de nossa pesquisa. A partir da análise e estudo do poema escolhido pretendemos mapear o discurso indígena da autora, bem como a projeção da mundividência indígena grafado neles.

4. Resultados

Graça Graúna nasceu em 1948, em São José do Campestre, no Rio Grande do Norte. Sendo descendente do povo Potiguara, em especial da Aldeia Catu, seus textos são referências no trabalho de reapropriação das culturas ameríndias e cosmovisões indígenas (GRAÚNA, 2024).

Em seu poema “Canção Peregrina” (2009), Graúna aborda temas caros à história e representação da cultura de povos originários, como o culto às entidades da natureza, e o apego à oralidade, tão presente na construção cultural indígena.

Canção Peregrina

I
Eu canto a dor
desde o exílio
tecendo um colar
muitas histórias
e diferentes etnias

Neste trecho do poema temos um sujeito que cisma sozinho sob as estrelas, há um eu poético que trabalha, e se o fruto do trabalho é seu colar, que representa o coletivo. Tecer o colar simboliza a recolha de histórias e memórias, de muitos lugares e povos, tanto da cidade como da floresta. Quando o eu-lírico dita “eu canto a dor”, está remetendo a experiência indígena desde a colonização, reiterada na violência cotidiana que vários povos sofrem, rememorando, assim, muitas histórias que se encontram por conta da mistura de etnias e a transformação das suas vidas.

II

Em cada parto
e canção de partida,
à Mãe Terra peço refúgio
ao Irmão Sol, mais energia
e à Irmã Lua peço licença poética
para esquentar tambores
e tecer um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.

Falar da terra como mãe não só qualifica a terra, mas compõe um sentimento de pertencimento, que se liga ao corpo da mulher indígena como origem. Nessas culturas, a ancestralidade relaciona-se com a terra, que se liga ao corpo, que é finito e material, assim como falar dos astros mostra a conexão que os povos indígenas têm com eles.

IV

São as contas do meu colar
e as cores dos meus guias:
amarela
vermelha
branco
negro
de Norte a Sul
de Leste a Oeste
de Ameríndia
ou de Latino América
povos excluídos.

O jogo entre coletividade e exílio se refere aos indígenas que vivem na cidade, vindos de povos que sofreram processos de violência ao longo de séculos de contato, tendo, inclusive sua indianidade questionada pelo Estado em alguns momentos, conforme discute Daniel Mundukuru: "Quando as pessoas me chamam de índio, elas estão negando quem sou, índio é negação e indígena é pertencimento". Com essas palavras é possível entender que ser

indígena é ser raiz, terra e, principalmente, memória viva de uma população que pulsa na alma da natureza, e pertencer é muito mais do que existir, é honrar uma herança que ecoa em cada folha, em cada canto.

5. Considerações Finais

No contexto educacional, a temática indígena se torna cada vez mais necessária, por esse motivo, os educadores, precisam sempre estar em contato com narrativas que respeitam a pluralidade cultural brasileira, e que não reforcem os discursos dos colonizadores, entre experiências e encontros. Na maioria dos escritos indígenas, é explorado temas de ancestralidade, resistência e empoderamento, mostrando a importância dos conhecimentos tradicionais, bem como a conexão profunda com a natureza como fonte de sabedoria e cura.

6. Referências

GUESSE, Érika Bergamasco. Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2011.

GRAÚNA, Graça. Canção peregrina. In: **Antologia indígena**. Mato Grosso: SEC; Inbrapi, Nearin, 2009, p. 27-28

_____. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25, p. 266-276, 2012.

_____. *Ao escrever, dou conta da ancestralidade do caminho de volta do meu lugar no mundo*. Tribuna de Minas, 06 ago. 2019. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de-leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-counta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html?amp=1>. Acesso em: 21 set. 2024.

_____. **Biografia**. *Cartas Indígenas ao Brasil*. Disponível em: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/biografia/graca-grauna/>. Acesso em: 21 set. 2024.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Programa Convida: Graça Graúna | IMS Quarentena**. Disponível em: <https://ims.com.br/convida/graca-grauna/>. Acesso em: 21 out. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo: um olhar indígena**. São Paulo: Callis, 2004.

SOARES, Laís Cristina. **Memórias e identidades indígenas na poética de Graça Graúna**. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.552>.

MANDAGARÁ, Pedro. **Uma forma de ver as literaturas das mulheres indígenas**. Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Recife, 31 maio 2018.